

COLLEGIO ELEMENTAR FÉLIX DA CUNHA, PRIMEIROS ANOS DE FUNCIONAMENTO (1913 até o fim da década de 30)

AZEVEDO, Letícia Insaurriaga de¹; SICCA, Aline Dauniz²; AMARAL, Giana Lange do³

¹Bolsista PIBIC/CNPq/CEIHE, Acadêmica em Pedagogia FaE/UFPeI – letpedagoga@hotmail.com ;
²Acadêmica em Pedagogia FaE/UFPeI – aline.sicca@hotmail.com ; ³Departamento de Fundamentos da Educação - FaE/UFPEL- Orientadora FaE/UFPeI/CEIHE - gianalangedoamaral@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Este estudo faz parte do projeto “*Histórias e memórias de escolas da cidade de Pelotas*”, cujo objetivo é desenvolver pesquisas sobre instituições educacionais da cidade, sendo vinculado ao CEIHE – Centro de Estudos e Investigação em História da Educação – da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas.

Visa abordar e sistematizar aspectos da história e da memória do Colégio Estadual Félix da Cunha.

O antigo Collegio Elementar Félix da Cunha foi fundado em 14 de julho de 1913 e foi uma das duas primeiras escolas elementares da cidade de Pelotas/RS, o que se comprova no Decreto estadual nº 1985/1913, que faz referência aos dois colégios então criados na cidade: C. E. Cassiano do Nascimento e C. E. Félix da Cunha.

Trabalharemos, prioritariamente, com um recorte temporal que abrange o período de fundação e os primeiros anos de funcionamento da referida escola, recorte que corresponde aos anos em que a instituição funcionou como Collegio Elementar (de 1913 até o fim da década de 30) tendo passado, após, a ser chamado de Grupo Escolar Félix da Cunha.

A escola leva o nome do político, poeta, jornalista, escritor e dramaturgo Félix Xavier da Cunha, que também foi Deputado Geral pelo Partido Liberal no século XIX. Membro participativo da vida política do país do país, foi homenageado pela importância que representava à sociedade.

De acordo com dados encontrados no acervo da própria instituição, sua primeira sede estava situada na Rua Félix da Cunha, nº 457, onde se localiza atualmente o Centro de Atenção Psicossocial Porto, tendo como primeira diretora, a professora Maria Delfina Caminha. Um ano após sua criação, portanto 1914, devido ao grande número de alunos e pelo fato do prédio não ter capacidade para abrigá-los, a escola instalou-se em um novo endereço, na Rua Gonçalves Chaves esquina Barão de Butuhy, onde atualmente está instalada a 5ª Delegacia de Ensino.

Em meados da década de 30, o Collegio Elementar Félix da Cunha passa a se chamar Grupo Escolar Félix da Cunha.

Pelo fato do prédio não ter capacidade para abrigá-los, a escola instalou-se em um novo endereço, na Rua Benjamin Constant, nº 1459, onde situa-se até os dias atuais. O palacete da família Ribas, para onde a escola foi transferida e permanece, foi construído quando o endereço ainda era conhecido como Rua Indígena.

Segundo o jornal Diário da Manhã, de 14 de julho de 2003, este prédio, antigamente conhecido como Solar do Porto, servia de referência à entrada da

cidade pelo porto local, já que se localiza na principal rua de ligação entre o centro da cidade e seu porto fluvial. Conforme a certidão do Cartório de Registro de Imóveis, 2º ofício, cujo oficial era Francisco Silveira Fernandes, o imóvel foi comprado pelo estado do Rio Grande do Sul em 1950. Porém, outras fonte¹ negam essa compra, afirmando que houve uma doação da família Ribas.

Em 1º de abril de 1980, a instituição passa a se chamar Escola Estadual de 1º Grau Félix da Cunha, pois o Governador do Estado assinou a portaria nº 17.324, que permitiu essa mudança. Somente no ano de 1999, sob a direção do professor José Leandro, foi implantado na escola o funcionamento do 2º Grau, atual Ensino Médio.

2 METODOLOGIA

Foram utilizados como fonte de pesquisa documentos do acervo da própria instituição, registros encontrados na Bibliotheca Pública Pelotense e no IHGPel - Instituto Histórico Geográfico da cidade de Pelotas - , além de materiais da internet. Para a constituição do referencial teórico, consultamos pesquisas anteriores sobre a instituição e estudos relacionados ao período investigado.

Cabe mencionar que no site da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – consta o relato de uma professora do colégio na década de 30, Lucy Molina Pires (1900 – 1999), em que esta descreve as dificuldades enfrentadas na época e a forma de ensino utilizada, bem como, a forma de trabalho das professoras e o funcionamento da escola.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A história das escolas elementares no Brasil teve início no ano de 1549, com a chegada de seis padres jesuítas, chefiados por Manoel de Nóbrega, marcando o início da história da educação no período Brasil-Colônia. Segundo Nascimento (2007, p.184) “os jesuítas entraram no sertão, empenharam-se na catequese dos índios, fundaram escolas para os filhos dos colonos e procuraram impor aos portugueses as normas da moral cristã no relacionamento com os indígenas.”.

Em 15 de outubro de 1827, foi promulgada uma lei que determinou a criação de escolas elementares em todas as cidades, vilas e lugarejos, porém, o baixo salário dos professores foi um obstáculo para que a mesma tivesse sucesso, pois as vagas nunca eram preenchidas forçando o governo a usar leigos, sem formação adequada como docentes, pois eram quem aceitava as condições impostas.

As escolas públicas elementares se tornaram na prática escolas de alfabetização, mas as mesmas alfabetizavam mal e atingiam resultados muito baixos em relação à aprendizagem dos alunos.

De acordo com Corsetti (2006):

O regimento interno dos colégios elementares, decretado em 1910, foi mais explícito, assim definindo: Art. 3º - Será constantemente empregado o método intuitivo, começando pela observação de objetos simples para depois elevar-se à idéia abstrata, à comparação, à generalização e ao raciocínio, vedando-se qualquer ensino empírico fundado exclusivamente em exercícios de memória.

¹ ALVARO, Jiani Torres, De Collegio Elementar a Grupo Escolar ‘Félix da Cunha’ em Pelotas, RS: primeiras aproximações. 2009, p. 1-14

Pela definição de educação dada ao ensino, gerou-se uma utilização indevida do termo “intuitivo”, como um sinônimo de “indutivo”, fato que levou o estado do Rio Grande do Sul a adotar o procedimento metodológico que correspondia ao método científico indutivo.

Abaixo, trazemos o relato da professora Lucy Molina Pires, que trabalhou na instituição educacional Félix da Cunha, no período de 1925 a 1939, quando o mesmo ainda era denominado Collegio Elementar, falando sobre seu trabalho e situação escolar do colégio da época, em uma entrevista concedida à sua neta para o projeto Memória da Cartilha, Histórias Cruzadas, retirada do site da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS –.

(...) Quando era muita gente assim botavam duas professoras: era eu e a Sylvia Mello, que, tempos depois, foi Delegada de Ensino. Eu... era uma luta “praquelas” crianças aprenderem. (...) Mas era uma barbaridade! O Félix da Cunha era muito preferido. Tinha 1000 alunos naquele tempo e as aulas... não diziam não para ninguém. Olha, a minha aula no 1º ano... naquele tempo a mesa da professora era em cima de um estrado. Ela divisava bem toda aula. E tinha gente sentada até no estrado. As classes eram de duas pessoas e algumas classes – mais magras – tinham três.

A professora Lucy relata, também, que toda nova professora que ingressava na instituição recebia a incumbência de alfabetizar uma turma. Conta que o livro didático utilizado na 1ª série era o chamado de “Cartilha Maternal” e o método de ensino da leitura era o método “João de Deus”.

A citação abaixo nos permite tomar conhecimento de como esse método de leitura era utilizado pelas professoras e como se dava o aprendizado dos alunos.

Havia uns cartazes suspensos (conhecidos como quadros parietais)... Então... com toda a cartilha do João de Deus, com letras grandes! E tinha uma varinha (está se referindo ao ponteiro, usado para orientar a leitura) pra gente apontar e... naquele tempo as sílabas eram separadas... eram diferentes. Por exemplo: pá... não... por exemplo... aula... A...U... LA... O “1” era escrito diferente das outras... (está se referindo aqui ao uso das letras de impressas em caracteres lisos e lavrados, que destacam, na verdade, as sílabas de forma alternada por tal forma de grafá-las. (...)) Pois aprendiam... Aprendiam assim (gesto com a mão) em termos... pois eu me lembro que nós tínhamos 120 alunos em sala de aula. Passamos 60. Passamos a metade. Foi considerado bom, porque o número era muito grande. E... eu dava Português e a Sylvia dava Aritmética.

Explica ainda a maneira com que o ensino era realizado, quando um aluno apresentava dificuldades na aprendizagem, relatando que, nesse caso, o aluno era chamado à mesa da professora, individualmente e a mesma explicava o conteúdo novamente, mas dessa vez de forma mais rígida, batendo à mesa para que o mesmo não desviasse sua atenção.

Na década de 30, o país passa por um período de expansão e consolidação do sistema escolar, gerado por um novo momento político (Segunda República / 1930 - 1936). Nesse mesmo período, o Collegio Elementar Félix da Cunha passa a ser chamado de Grupo Escolar Félix da Cunha, reestruturando sua forma de ensino segundo as tendências da época, que previam uma nova organização administrativo-pedagógica a qual estabelecia modificações profundas na didática e distribuição espacial dos seus edifícios.

4 CONCLUSÃO

Contata-se que, apesar do colégio ser uma importante instituição educacional da cidade, possui poucos registros sobre sua história.

Também se pode observar ao longo da pesquisa que existem muitas falhas nos dados existentes sobre a instituição Félix da Cunha, fator que veio a dificultar o desenvolver do trabalho, pois muitos dados acabam por se contradizerem em diversos momentos.

É possível concluir, através das análises feitas, que além da história e de muitos dos seus registros terem se perdido, o fato de hoje os docentes e discentes da escola desconhecer sua história, faz com que provavelmente tenham dificuldade de constituírem sua identidade com a instituição.

Ao comparar-se a educação atual com a da época pesquisada, concluem-se grandes mudanças, tanto na didática utilizada, quanto na estrutura e desempenho da escola.

5 REFERÊNCIAS

ALVARO, Jiani Torres. De Collegio Elementar a Grupo Escolar 'Félix da Cunha' em Pelotas, RS: primeiras aproximações. In: **ASPHE - ENCONTRO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**, 15, 2009, Caxias do Sul. Anais XV ASPHE. Caxias do Sul: Casa Leiria, 2009. p. 1-14.

CORSETTI, Berenice. O Pensamento Social e Educacional no Rio Grande do Sul da Primeira República. Unisinos. Eixo Temático 6 – Intelectuais, pensamento social e educação. In: **IV CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**. Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), 2006.

Memória da Cartilha. **Histórias cruzadas: Lucy Molina Pires (1900-1999)**. COMO TUDO COMEÇOU. Relato fornecido por uma professora da instituição na década de 30, Lucy Molina Pires (1900 – 1999). Disponibilizado no site da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – <http://www.ufrgs.br/faced/extensao/memoria/lucy.html>

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. Instituições Escolares no Brasil Colonial e Imperial. In: **HISTEDBR online**, Campinas, n. 28, p. 181 – 203, 2007. Disponível no site: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/28/art12_28.pdf .

RAMOS, Fábio Pestana. **Para entender a história**. Ano 2, Volume fev., Série 07/02, 2011, p.01-14. Disponível no site: <http://fabiopestanaramos.blogspot.com.br/2011/02/educacao-no-brasil-imperio.html> .

SAVIANI, Dermeval. **Instituições Escolares: conceito, história, historiografia e práticas**. In.: Cadernos de História da Educação. n. 4. Jan./dez. 2005.